

A CIDADE E AS PAISAGENS CULTURAIS, RECURSOS NA LUTA CONTRA A POBREZA: ENTRE O CONTROLE SOCIETAL E O RECONHECIMENTO SOCIAL

Igor Oliveira¹
Yara Silveira²

¹Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
igormogeo@gmail.com

²Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
yara.mariasilveira@gmail.com

RESUMO

Com a revolução técnico-científica presente na temática da Globalização, novos espaços são criados/transformados, condicionados pelas manifestações e hábitos culturais. Desta forma, novos espaços são concebidos através das paisagens culturais e pela humanização do espaço vivido. Dentro dessa temática, a cidade apresenta-se como campo da materialização deste processo, uma vez que, nesse, apresenta-se como forma multicultural, abrigando diferentes crenças, línguas, valores, paisagem; tornando assim um campo perceptível às pesquisas. O trabalho segue-se dividido em seções, onde a princípio discute-se a questão cultural dentro do processo de globalização; em seguida, é realizada uma breve revisão do termo cultura a partir da visão de diferentes autores; posteriormente, é discutida a questão das paisagens culturais sob o olhar da geografia e por fim abordar-se-á a relação cultura e cidade, onde são apresentados dois exemplos de manifestações culturais na cidade: a relação de toponímia e Identidade, e a Agricultura Urbana.

Palavras-chave: Cultura, Paisagem cultural, cidade, espaço e Identidade.

ABSTRACT

With the scientific-technical revolution in the theme of Globalization, new spaces are created/transformed, conditioned by the cultural habits and manifestation. This way, new spaces are conceived through the cultural landscapes and by the humanization of the lived space. In that theme, the city presents itself as a field of materialization on this process, once on it, presents itself, once more, as multicultural shape, covering various beliefs, languages, values, landscape; becoming, this way, a perceivable field for research. This work is divided in sections, where, first, is discussed the cultural question in the process of globalization; then, there is a brief revision of the term culture, taking as base the visions of different authors; lately, the question of cultural landscapes is discussed under the eye of Geography and last, the relation between culture and city will receive an approach, where will be showed two examples of cultural manifestations in the city: the relation of toponymy and Identity, and the Urban Agriculture.

Keywords: Culture, Cultural landscape, city, space and Identity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade contemporânea vivencia uma nova forma de organização do espaço onde a lucratividade rompe com as tradições e com a cultura, remodelando o espaço e (re)criando as paisagens e as bases da vida social. Assim, “uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a moldar a base material da sociedade em um ritmo acelerado” (CASTELLS, 20005, p.39).

Dessa forma, no mundo reestruturado pela revolução científica, os hábitos, costumes e tradições estão cada vez mais integrados ao novo sistema econômico e social. No entanto, as modificações sociais não são, em suma, tão recentes. Segundo Santos (1988), o projeto de mundialização das relações sociais, políticas e econômicas começa a partir do século XVI com da expansão das fronteiras do comércio, que avançou através dos séculos gerando a expansão capitalista, para finalmente moldar-se como revolução científica e técnica.

Diante disso, a relação sociedade natureza ganha uma nova percepção de uso e dominação, como demonstra Santos (1988, p. 05).

As relações do homem com a natureza passam por uma reviravolta, graças aos formidáveis meios colocados a disposição do primeiro. Houve mudanças gradativas surpreendentes, a mais notável das quais foi à possibilidade de tudo conhecer e tudo utilizar em escala planetária, desde então convertida no quadro das relações sociais.

Para tanto, a expansão capitalista, a criação da economia global e da sociedade ligada através das redes, se faz imprescindível pelo fato de que “essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e a técnica, torna-se um mercado global” (SANTOS, 2006, p.159).

Todas essas mudanças científicas acarretaram mudanças radicais na vida da sociedade. Contudo, pontua-se que essas possuem seus pontos positivos, e não se deve rotular as mudanças (cabe ressaltar que o fator “mudança” aqui proposto refere-se somente à forma com que a sociedade lida e integra-se com novos hábitos em seu cotidiano), somente como negativas, como demonstra Castells (2005, p. 68) ao afirmar que “o exagero profético e a manipulação ideológica que caracteriza a maior parte dos discursos não deveria levar-nos a cometer o erro de subestimar sua importância verdadeiramente fundamental”. Diante de tudo isso, esse trabalho tem como objetivo discutir sucintamente a abordagem cultural da geografia, relacionando-a à produção de paisagens culturais nas cidades e suas relações no combate contra a pobreza. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica, com que autores abordam a questão cultural, bem como a Agricultura Urbana e a discussão referente ao espaço e à paisagem.

CULTURA: DISCUSSÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

Com a revolução técnico-científica na temática da Globalização, novos espaços são criados/transformados, condicionados pelas manifestações e hábitos culturais vencendo ou não a pobreza. No entanto, a “idéia de cultura não é adequada para explicar o comportamento humano, mas somente para formular alguns fatores limites que o afetam” (WAGNER; MIKESELL, 2007, p. 36). Entretanto, sabe-se que o aspecto cultural não é determinante no comportamento social, embora possamos admiti-lo com condicionante que, somada a outros aspectos, formulará a tipologia de vida da sociedade.

Contudo, cabe ressaltar que, embora estejam os processos culturais no cerne de muitas discussões científicas, a origem da cultura remonta ao processo de desenvolvimento da humanidade, bem como de sua organização no espaço. O homem carrega consigo traços e funções determinadas por suas manifestações culturais marcadas ao longo dos tempos, tendo em vista que, desde a origem da humanidade, o homem faz e vivencia a cultura, na forma de se abrigar em cavernas, nas marcas e traços deixados nessas últimas e nas formas de organização do modo de trabalho e gênero de vida (BRUMES, 2006).

Dessa maneira a cultura apresenta-se como “a chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens” (WAGNER; MIKESSELL, 2007). No entanto, a noção de cultura não se restringe a hábitos e costumes isolados, mas refere-se às manifestações de comunidades que ocupam e articulam o espaço. Assim, a cultura pode ser utilizada para a classificação dos seres humanos em grupos definidos, e de características comuns, podendo abranger ou sobrepor grupos lingüísticos diversos, bastando a esses manterem semelhanças entre os sistemas simbólicos coexistentes. Entretanto, um determinado grupo lingüístico pode ser dividido em diversas partes determinadas pela diversidade de sua simbologia cultural, de acordo com Wagner; Mikessell (2007).

Para os Geógrafos culturais, é a partir da inserção de valores simbólicos, hábitos, costumes, usos e uma vida cotidiana é que o espaço temporal fica impregnado desses aspectos, de forma que agirão diretamente na vida social das pessoas, podendo, assim, contribuir na minimização das carências sociais. Diante disso, a cultura é vista por Sauer como o conjunto de instrumentos e de artefatos que permite ao homem a atuação no mundo exterior. Para esse autor, a cultura também é composta por plantas e animais que a sociedade aprendeu a conviver e domesticar e que, modificando a paisagem e o ambiente natural, torna-o mais produtivo (CLAVAL, 2000). Corroborando a definição de cultura utilizada por Sauer e partindo do pressuposto da humanização do meio, a cultura é definida por Vidal de La Blache e seus discípulos, como também por Friederich Ratzel e os geógrafos da Alemanha como “aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens. Mas é também uma estrutura geralmente estável de comportamentos que interessa descrever e explicar” (CLAVAL, 2000, p. 35).

Geertz (1989) citado por Côrrea (2007) é contundente ao definir cultura como modo causal na relação de processo. Para ele, a cultura “é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade”. (GEERTZ, 1989 apud CÔRREA, 2007, p.169). Por fim, Wagner e Mikesell (2007, p. 28), afirmam que:

Cultura é a chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens [...], cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos. Quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente, elas o fazem porque vivem, trabalham e conversam juntas, aprendem com os mesmos companheiros e mestres, tagarelam sobre os mesmos acontecimentos, questões e personalidades, observam ao seu redor, atribuem o mesmo significado aos objetos feitos pelo homem, participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado.

Após essa abordagem acerca da conceituação de cultura, um ponto pertinente deve ser ressaltado: o geógrafo cultural não está preocupado em explicar/descrever o funcionamento interno das manifestações culturais, nem o comportamento daqueles que as praticam. O papel da geografia é compreender e analisar a atuação das manifestações culturais na sociedade e como articulam, criam/recriam o espaço, estudando sua distribuição no tempo e no espaço, assim como a distribuição de áreas culturais, comparando-as com a distribuição de outros aspectos do espaço, a

fim de descobrir a atuação da humanidade (ou de um grupo social específico) que desempenha ou desempenhou no seu habitat a manutenção/criação de determinados aspectos geográficos (WAGNER; MIKESSELL, 2007).

Assim, pode-se dizer que toda cultura é limitada em capacidade de transformar seu espaço por intermédio de conhecimentos técnico, administração e organizações institucionais, proibições, entre outros. (WAGNER; MIKESSELL, 2007).

AS PAISAGENS CULTURAIS NA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA

A paisagem constitui importante categoria geográfica, de valor inestimável à temática cultural. Para Santos (1988), a Paisagem é formada por tudo aquilo que se vê, que está ao alcance da visão, ou seja, definida pelo domínio do visível. Contudo, o autor destaca que não se trata apenas por formas e volume; abrange também cores, movimentos, odores, sons, entre outros.

Meinig (1979) apud Corrêa (2007, p.197) descreve que a Paisagem constitui “parte do conjunto compartilhado de idéias, memórias e sentimentos que une uma população”. A paisagem, portanto, é tratada por Sauer (2004) como categoria associada às relações temporais, bem como ao espaço, suscetível ao processo de constante desenvolvimento, dissolução e/ou substituição.

Somando a definição dos autores supracitados, pode-se inferir sobre a importância da paisagem para a análise cultural: a junção do caráter espacial somado ao social, já que:

A paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de um a determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural [...] a Paisagem Cultural é o produto concreto e característico da interação complicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potenciais culturais, e um conjunto particular de circunstâncias naturais (WAGNER; MIKESSELL, 2007, P 36).

Corroborando a visão dos referidos autores, Sauer (2004, p. 57, 59) afirma que a paisagem cultural “é a área geográfica em seu último significado, suas formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem [...] a paisagem cultural é moldada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural”.

Assim, a paisagem cultural nada mais é do que a materialização dos hábitos e costumes expressos através das manifestações produzidas pelos homens no espaço, modificando através da (re)criação da paisagem, ou seja, das formas, acarretando assim, a substituição das paisagens naturais pelas culturais, tornando os artefatos dimensões amplas na superfície da Terra (SANTOS, 1988).

CIDADE E CULTURA

Até o século XX, os geógrafos culturais espacializavam o campo de abordagem e de desenvolvimento cultural, áreas que remetessem traços rurais, e de forte influência de populações pretéritas, de forma que a cidade e o urbano quase sempre eram negligenciados dentro das análises.

Contudo, com a reestruturação espacial, onde a cidade toma a posição de destaque por seu aumento populacional, a partir da década de 1970, a dimensão cultural da cidade/urbano passou a ser percebida e valorizada pelos geógrafos, tendo em vista que a mesma apresenta-se como forma multicultural, abrigando diferentes crenças, línguas, valores, paisagem; tornando-se, assim, um campo perceptível às pesquisas (CORRÊA, 2007).

Outro fator que merece ressaltar nesta análise é a transmissão cultural de uma área para a outra, ou seja, do rural para o urbano. A população rural enraizada no seu lugar, com hábitos, saberes e crenças próprios, ao deixarem o campo, migrando para a cidade, trazem consigo todo o seu patrimônio cultural herdado, criando, nessa última, dois processos: o primeiro é a criação de novas paisagens culturais, através da humanização do espaço, e o segundo, o processo de reterritorialização, através de delimitação de área de manifestações de seus hábitos e crenças.

Nesse sentido, Wagner; Mikessell (2007, p. 27) afirmam que “uma cultura passa a se difundir quando os que a compartilham se deslocam, ou quando sua correspondente esfera de comunicação, e os símbolos aí incluídos, prevalecem sobre os de outras culturas em novos territórios”.

Dois exemplos concretos podem ser dados das manifestações culturais da cidade: a relação toponímia e identidade e a questão da Agricultura Urbana na luta contra a pobreza.

TOPONÍMIA E AGRICULTURA URBANA: IDENTIDADE CULTURAL NA LUTA CONTRA A POBREZA

Na ciência geográfica, a relação de Toponímia resulta do processo de designação dos lugares pelos nomes, daí sua notória relevância dentro da análise cultural. Assim, a relação de toponímia e identidade se dá através da manifestação cultural por meio das nomenclaturas, fato muito comum no Brasil no nome das cidades, como São Paulo - SP, Bom Jesus da Lapa - BA, Aparecida - SP, entre outras. O caráter histórico foi fundamental na relação de toponímia, uma vez que a colonização do Brasil se deu sob a égide do catolicismo.

Na organização interna das cidades também é muito forte a relação de identidade expressa através da toponímia. A cidade de Montes Claros/MG, por exemplo, é marcante a presença de bairros que demonstram a relação do catolicismo através dos nomes tais como Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora das Graças, São Judas, Santo Expedito, Santos Reis, Santo Amaro, Santa Rafaela, São Geraldo, entre outros. Bem como na nomenclatura das ruas e avenidas tais como: Santa Bárbara - Todos os Santos, Santa Catarina - Cintra, Santa Cruz - Edgar Pereira, Santo Antônio - Morrinhos, São Francisco - Centro, Santo Estevão - Village do Lago, entre muitos outros.

Antes de tratar a relação da Agricultura Urbana com a cultura, torna-se necessário uma breve consideração acerca dessa modalidade de agricultura. Para início de discussão, deve-se ressaltar que essa prática tem sua origem no processo de migração campo/cidade, que acarreta um aumento gradativo da população urbana e dos seus índices de pobreza e desemprego.

Daí surge à necessidade de criar, dentro da cidade, um sistema para suprir as necessidades não atendidas dessa população. Assim surge a Agricultura Urbana, que é definida pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação COAG/FAO (1999), como toda prática agrícola situada dentro da cidade ou em seu entorno, tais como hortas ou criações voltadas para a subsistência ou para o comércio de pequeno porte, que desempenhará uma forte influência na questão cultural urbana. Tendo em vista que ao criarem o conceito urbano de prática da agricultura, a população humanizará a paisagem e/ou a (re)criará, com novos valores culturais.

Para Santandrel; Lovo (2007), a Agricultura Urbana está diretamente relacionada à construção de conhecimentos, do diálogo, da transmissão dos saberes e da cultura.

Entendemos então que a AUP no Brasil deve estar orientada à: Promoção da agroecologia, do Consumo de Hábitos Saudáveis, da Construção de Conhecimentos Respeitando o Diálogo de Saberes, ao Respeito à Diversidade Étnica, Racial e Cultural, Promoção da Equidade de Gênero, Justiça Socioambiental e a Solidariedade, Promoção da Soberania Alimentar e Segurança

Alimentar Nutricional, Promoção da Economia Justa, Solidária e Familiar e o Consumo Responsável, e a Promover a Participação, empoderamento e Autonomia do/as Agricultores Urbanos e Periurbanos. (SANTANDREU; LOVO, 2007, p. 07).

Outro fator de suma importância refere-se à preservação do patrimônio cultural herdado, uma vez que as populações do campo, ao chegar à cidade, trazem consigo uma imensa e valiosa carga cultural expressa nos hábitos, crenças, valores, tradições e saberes populares que são passados de pais para filhos, perdurando por gerações.

Como forma de manter seu patrimônio, a população, mesmo com a falta de espaço e recursos apropriados, mantém em seu quintal o canteiro de cebolinha, coentro e salsa, hortaliças muito presentes nos pratos típicos rurais como o frango caipira, o arroz com pequi, entre outros. Além do cultivo de ervas medicinais como Erva Cidreira, Capim Santo, Hortelã, Boldo, Losna, muito utilizadas na medicina popular e conseqüentemente no fortalecimento das tradições familiares, tendo em vista que é no âmbito da família é que estas relações são passadas e preservadas, como demonstram Boukharaeva *et al* (2005) ao relacionarem as práticas agrícolas no fortalecimento das relações culturais familiares.

Aprendendo a reconhecer as plantas e delas cuidar, ou seja, a transplantar, a enxertar, a podar, a experimentar novas variedades de frutas e legumes, muitos adultos passam a ter condições de transmitir tais conhecimentos aos filhos e netos, em meio a relatos de histórias do passado. Essa transmissão prossegue nas atividades relacionadas à produção, como na preparação de geléias e outras conservas. O jardim passa a representar, então, um dos meios privilegiados de disseminação do patrimônio cultural no seio da família. A atividade de jardinagem é, portanto, o suporte de outras atividades que geram ligação social, além de transmitir cultura e saber (Boukharaeva et al, 2005. p. 421).

Além do caráter cultural, a Agricultura Urbana desempenha forte atuação no combate à pobreza urbana, uma vez que essa prática gera postos de trabalho e facilita o acesso da população aos alimentos. Com a produção de alimentos na cidade, o custo final ao consumidor será reduzido, pois não serão necessários investimentos em transporte e armazenamento, como demonstra Smit (2000, p. 03)

A agricultura urbana produz alimentos e energia perto de onde estão seus consumidores, em certos casos dentro do mesmo bairro, ou da mesma casa. Esta proximidade da produção e o consumo reduz o trânsito, o armazenamento e as embalagens, fontes de contaminação que afetam e reduzem a biodiversidade.

Com o sistema de economia global, expansão urbana e pelos altos índices de migração, as cidades tornam-se cenário de diferentes configurações e de segregações, sejam elas impostas ou não.

Grande parcela dos moradores urbanos que sofre com os problemas socioeconômicos são exatamente aqueles que praticaram a migração campo/cidade. Muitas vezes essa população não apresenta renda nem mesmo para pagar aluguel de uma moradia adequada. Corrêa (2005) afirma que esse é um dos mais significativos sintomas da exclusão, que não ocorre isoladamente, atrelado a ele estão a subnutrição, as doenças, o baixo nível de escolaridade, o desemprego ou o subemprego e mesmo o emprego mal remunerado.

De forma bem expressiva, a Agricultura Urbana é utilizada como estratégia política voltada à produção de subsistência, uma vez que é capaz de gerar excedente que poderá ser comercializado,

além de criar formas de emprego para grupos urbanos marginalizados (CARVALHO; ZUCHIWSCHI; FRABETTI, 2005).

No que se refere ao conceito da Agricultura Urbana, esse vem assumindo elevado reconhecimento a partir da cristalização da “visão de que o modo produtivista que caracterizou o desenvolvimento da agricultura desde a revolução verde, tem-se mostrado incapaz de responder ao problema mundial da fome” (CARVALHO; ZUCHIWSCHI; FRABETTI, 2005, p.02).

A Agricultura Urbana envolve em seu sistema produtivo a fração da população que vive às margens do sistema. Assim, aqueles que por motivos diversos não se enquadram no grupo da população inserido no mercado de trabalho, podem desenvolver a AU de forma a criar/complementar a renda familiar, diminuindo também o número de desempregados que vivem nas cidades.

Nesse sentido, mulheres, jovens e idosos encontram na Agricultura Urbana uma solução para suas carências econômicas. Sobre a acessibilidade à prática da Agricultura Urbana, Santandreu; Lovo (2007, p.12) assim se expressaram:

A AUP é praticada por indivíduos ou organizações formais ou informais nas mais diversas condições sociais, sendo necessário para sua prática à disposição individual, coletiva e a viabilização das condições necessárias para tanto. A prática da AUP está relacionada também com o lazer, a saúde, a cultura, a economia e o ambiente. Destacamos o envolvimento de grupos vulneráveis como: mulheres, desempregados, migrantes rurais, portadores de necessidades especiais, crianças jovens e idosos, produtores periurbanos, comunidades tradicionais entre outros.

Diante da real importância da Agricultura Urbana no combate a pobreza, essa passou a compor o quadro de estratégias do governo Federal dentro das diretrizes do programa Fome Zero e do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS), como demonstra Arruda (2006, p. 06):

Uma referência direta à AUP é feita no PROJETO FOME ZERO (2001a), onde a conexão entre o abastecimento e a produção agroalimentar local é relacionada aos programas de abastecimento e programas voltados à promoção e apoio às hortas comunitárias, produzindo alimentos frescos de qualidade, gerando emprego e renda, além disso, permitindo a garantia de acesso direto aos produtos produzidos pelas populações.

Diante disso, percebe-se a atuação dos grupos sociais que, ao desempenharem sua cultura, estruturam o espaço a fim de criarem novas paisagens que agirão nas formas de vida e nas condições socioeconômicas dos grupos urbanos socialmente excluídos do processo econômico e produtivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o processo de globalização, as relações interpessoais tornam-se cada vez mais superficiais. A sociedade, devido ao novo ritmo de vida, distancia-se cada vez mais dos hábitos, tradições e valores que outrora circundavam a sociedade. No entanto, novas manifestações culturais vão surgindo através da (re)criação das paisagens culturais, impulsionadas principalmente pelo processo de migração campo/cidade. Como forma de manter seu patrimônio cultural herdado através da linguagem, da relação de toponímia e Identidade, e pela Agricultura Urbana, a população

migrante age como forma de manter os saberes culinários, da medicina popular, além de combater diretamente a pobreza urbana através da criação de postos de trabalho e no aumento da disponibilidade de alimentos.

REFERÊNCIAS:

ARRUDA, Juliana. Agricultura urbana e peri-urbana em Campinas/SP: análise do Programa de Hortas Comunitárias como subsídio para políticas públicas. 162 f. **Dissertação** (mestrado Engenharia Agrícola) - Faculdade de Engenharia Agrícola, Unicamp/campinas, 2006.

BRUMES, Karla Rosário. O uso do termo Cultura. **Caminhos de Geografia**. V.7 n°18, p. 64-68. Jun/2006.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. 2ª Ed. Santa Catarina: Editora da UFSC, 1995

CARVALHO, Y. M. C; Zuchiwschi, E; Ferreira. S. E; Frabetti, G. L. **Perspectivas para a Agricultura da Bacia do Alto Tietê**. IEA/APTA, 2005. Disponível em: www.negowat.org acessado em 27 de junho de 2009

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. Trad. Roneide Venancio Majer. 8ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

COMITÊ DE AGRICULTURA – COAG/FAO. **La Agricultura Urbana y Periurbana**. Roma: COAG/FAO, 1999. Disponível em: <<http://www.fao.org/unfao/bodies/coag/coag15/x0076s.htm>>. Acesso em: 28 Abr. 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zélia (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SANTANDREL, Alain; LOVO, Ivana Cristina. **Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana no Brasil e Diretrizes Políticas para sua Promoção: Identificação e Caracterização de Iniciativas de AUP em Regiões Metropolitanas Brasileiras**. Disponível em: www.rede-mg.org.br/article_get.php?id=100. Acessado em: 07 Abr. 2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: Fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4ªed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

SAUER, Carl O. A morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zélia (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004. P.12-74

SMIT, Jac. **Agricultura Urbana e Biodiversidade: *Urbanização e Reprodução da biodiversidade***. . In: La Agricultura Urbana. Vol. 1. julho de 2000. disponível em: www.ipes.org.br
WAGNER, Philip.L; MIKESELL, Marvin.W. Os temas da Geografia Cultural. Trad. Olíviade Barros Lima da Silva. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zélia (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.